

Ando bastante atravessado pelo processo de criação de “Superquadra Saci” (2015), de Cristiano Lenhardt, o qual tenho acompanhado nos últimos meses e tem me proporcionado mergulhos tão ricos. Acompanhar essas sintaxes de produção de uma obra é de uma ânsia, tanto por ser um território de questionamentos constantes, quanto pelo desejo e paixão que mobiliza sua poética. Lenhardt usa da realidade bruta, incomoda, para fazer de personagens esquecidos, mestiços, seres mitológicos, moradia e refúgio. Ao pesquisar sobre “mestiços”, eis que me deparo com um traçado mitológico que germinou o Estreito de Gibraltar.

Proveniente do cruzamento de uma divindade (Zeus) com uma humana (Alcmena): Hércules, um semideus, um mestiço, um bastardo. Desde o seu nascimento, Hera lhe teve um ódio mortal e o perseguiu. Resultado de uma das várias tramas vingativas arquitetadas pela deusa, Hércules em um ataque de loucura matou sua esposa e seus filhos. Para expiar esse registro criminal, o Oráculo de Delfos incumbiu ao rei Euristeus ordenar doze tarefas a Hércules. Dentre essas tarefas, estava a de levar ao rei Euristeus os bois de Gerião - um gigante de três cabeças que vivia um em um lugar desconhecido, remoto - a dita Ilha de Eriteia. Para chegar a essa ilha, o mestiço precisava transpor uma grande montanha que separava o Oceano Atlântico do Mar Mediterrâneo.

Dispondo de pouco tempo para escalar a montanha, Hércules usou sua força de semideus para parti-la. Assim, conectou os oceanos e formou os Pilares de Hércules ou Estreito de Gibraltar. Este é uma entrada para o desconhecido, para o resto do mundo e separa dois continentes (África e Europa). Ao norte, encontram-se Espanha e o território britânico ultramarino de Gibraltar; ao sul, Marrocos e Ceuta, enclave espanhol no norte de África. A largura mínima é de 14,4 km entre Punta de Oliveros (Espanha) e Punta Cires (Marrocos).

Além de ser importante para a navegação entre os dois continentes, o Estreito de Gibraltar tem um papel estratégico no tráfego de navios. Na entrada e saída do Mediterrâneo, há um grande fluxo de produtos ilegais, além do traslado de imigrantes em situação irregular, viajam da África para a Europa. Quase diariamente, embarcações clandestinas partem do norte da costa africana rumo ao sul da Europa. O crescimento substancial no número de imigrações irregulares está ligado diretamente à grave crise política e à segurança caótica na Líbia. A menos de 300 km de distância por água da Itália, a costa da Líbia é a principal ponto de partida dessas embarcações. Outro destino que se equipara ao fluxo migratório à Itália, é a Grécia. Com o fluxo migratório crescente, a pressão sobre Grécia e Itália aumentou e esse fluxo é um tema que divide os países e provoca reações negativas, xenófobas.

A grande maioria dos imigrantes são sírios ricos, a fugir da sangrenta guerra civil em seu país, pagando milhares de dólares para embarcarem com destino a países como Suécia ou Alemanha. Em paralelo, outros números significativos são provenientes de uma série de países, desde a África subsariana até o Subcontinente indiano, com grandes grupos oriundos do Irã e instáveis áreas tribais do Paquistão e do Afeganistão. Esses de menor poder aquisitivo são transportados em embarcações menores, para reforçar os lucros. Ou seja, em geral, parte significativa desses imigrantes são refugiados políticos, que arriscam suas vidas para procurar um futuro melhor: a União Europeia (UE).

Avista-se uma paisagem estrangeira e se busca alcançá-la pelo nadar contra as torrentes marítimas do Metiterrâneo. Os sonhos projetados em papeis de parede de Cafés marroquinos se fazem visíveis. O nome dado pela mitologia grega ao estreito que separa esses continentes reverbera uma expiação atual: “mestiços” que transpõem os Pilares de Hércules movidos por um desejo de futuro, de pertencer a outra realidade. Contudo, os Pilares se transformam na entrada para um vasto cemitério de esperanças, de vidas. Muitos deles morrem afogados em alto mar, vítimas das condições precárias e sobrelotação das embarcações clandestinas.

Na fricção entre desejo e realidade, emerge o rasgo. O sul, com a Itália à frente, recusa-se a arcar sozinho com os custos desse fluxo migratória. O norte, com a Alemanha à frente, é resistente a destinar mais recursos para conter essa crise e culpa o sul por não fazer o suficiente para patrulhar as fronteiras no Mediterrâneo. Uma questão humanitária que os Estados-membros da UE têm resolvido com arame farpado e muros. Ademais a política pouco flexível, os imigrantes quando ascendem o solo europeu permanecem irregulares, devido ao asilo não implicar nenhum benefício ou mesmo oportunidades de reassentamento.

O tráfico é o sintoma, e não o problema. É uma situação complexa e, para buscar uma solução, a UE procura reforçar a premissa de os países trabalharem conjuntamente no combate aos traficantes. Assim, também numa abordagem cooperativa, estabilizar os países de origem desses imigrantes - não os devolvendo a países onde possam estar sujeitos a genocídios, guerras, perseguição e violação de direitos humanos.

O que acontece com o tráfico intercontinental de seres humanos no Mediterrâneo recorda a época colonial em que se enviava milhares de escravos da África para a América. Visto como “comércio de escravos do século XXI”, o tráfico de seres humanos é uma atividade multifacetada e extremamente rentável - com diferentes milícias e clãs africanos a controlar territórios.

Nota-se com esse voraz fluxo migratório um latente processo de redesenhamento de fronteiras - físicas e anímicas. Semelhante ao continente europeu, o tráfico tem dramáticas consequências para o africano. Além das destruições materiais, as vidas são completamente desorganizadas e só restam as sequelas que perduram: laços de amizade e convivência familiar desfeitos. Perde-se o lugar das memórias. De tal modo, por meio de avalanches de sabedorias e imposições de verdades, tenta-se costurar uma geopolítica dos sobreviventes às ruínas de uma contemporaneidade.

Abalado pela arrogância do instantâneo, do que se entende por hegemônico, essa contemporaneidade impõe a coisificação do ser humano. Este enquanto mercadoria. Não se fala mais aqui de um estreito atravessado pelo mestiço Hércules. Fala-se do além-mar. Fala-se da linha de poeira que anuncia o rasgar de diversas camadas de Brasis. Da mitologia ao caos, da mitologia a um sonho inacabado, estradas-ruínas de um tempo no qual o progresso se dizia já!

A BR 230 ou Transamazônica, que rasga o Norte e Nordeste do Brasil, e se faz a seu modo é nosso Estreito. Reinventa-se uma geopolítica Norte-Sul. A partir disso, tornar os olhos para a “Superquadra_Saci” é ver os esquecidos entre cidades-paisagens brasileiras, entre colunas modernistas. O sobrenatural na videoarte de Lenhardt perpassa uma cosmologia

indígena. Esta anuncia uma mestiçagem do tecido social em uma estrada trans. O que recorda povos nativos dilaceradas desde a sua descoberta por um processo de imposição civilizatória, de catequesição. Essa dinâmica cruel, de invisibilidade, de opressão, implicada ao ser índio no Brasil. A alteridade de um ser invisível, renegado, que habita a deriva dessa grande e incompleta incisão na paisagem. Pensar a Transamazônica é adentrar a um Brasil redesenhado, através de ciclos econômicos, que levaram um grande número de esquecidos a desbravar e a redefinir novas rotas, impulsionados pelo desejo de uma vida menos árida.

Bitu Cassundé 2015